

SÃO PAULO, UMA CIDADE SEM ÁGUA

O problema de abastecimento de água em São Paulo se tornou extremamente crítico. Rodízios durante o ano todo em certos bairros e eventualmente em muitos outros é algo que todos já nos acostumamos. Ou tentamos nos acostumar. A crise no fornecimento é algo permanente que merece uma discussão um pouco mais profunda sobre suas causas e, principalmente, sobre as possíveis soluções.

A primeira pergunta que devemos fazer é quanto as fontes de naturais de água. Será que a região onde foi erguida a cidade de São Paulo não possui mananciais suficientes para satisfazer as nossas necessidades? Resposta simples e direta: sim.

Água nós temos. Basta olhar em qualquer mapa da cidade para verificarmos que temos rios de bom tamanho como o Tietê e Pinheiros, além de centenas de rios de menor porte e córregos. Temos, ainda, várias represas como a Guarapiranga e a Billings e vastas áreas de mananciais praticamente rodeando toda a metrópole, como a Serra da Cantareira, a vertente continental da Serra do Mar, Caucaia entre outras.

É, sem dúvida, uma região naturalmente muito bem servida de água. Mas a falta de planejamento e responsabilidade levou à contaminação dos rios, córregos e represas e a ocupação desordenada das regiões de mananciais próximos, cuja utilização poderia ser feita a custos baixos. Isto nos obriga a buscar água cada vez mais longe.

São Paulo se transformou em um enorme mata-borrão que suga água de outras regiões através de barragens, canais e reversões de rios. São obras enormes, com custos altíssimos e grande impacto ambiental e social durante seus processos de implantação para trazer mais água para ser mal utilizada e desperdiçada, enquanto os

mananciais continuam sendo invadidos e contaminados com esgoto, lixo e produtos químicos e o abastecimento permanece precário.

Então qual é a solução? Em um sistema de governo altamente desarticulado como o nosso, cada órgão público tem a sua própria proposta. Para alguns precisamos construir novos sistemas de captação. São projetos fantásticos como o sistema Capivari-Monos, dois rios da Serra do Mar que tiveram a má idéia de correr em direção ao Oceano Atlântico, um grave equívoco da Natureza que o governo pretende corrigir através de obras que os obrigarão a voltar serra acima em direção à Guarapiranga. Nada muito complicado. Apenas mais de uma centena de milhões de dólares, um pouco mais de um milhar de hectares de Mata Atlântica destruídos e duas comunidades de índios Guarani sériamente impactadas.

As justificativas da obra do sistema Capivari-Monos são tão frágeis que o próprio órgão proponente resolveu, repentinamente, excluir a parte do Rio Monos para tornar a obra mais aceitável, quando percebeu que as reações contrárias seriam muito intensas e o Conselho Estadual do Meio Ambiente provavelmente não a aprovaria.

Independente das possíveis justificativas para esta e outras obras, o que na verdade deveria estar sendo discutido era o consumo de água na Região Metropolitana de São Paulo e não novas formas de aumentar a capacidade de abastecimento. A visão de que a água é um recurso inesgotável e que nada se perde ao desperdiçá-la é um grande erro, que ainda insistimos em cometer.

Enquanto os países desenvolvidos investem pesado na economia e conservação deste recurso natural fundamental para a manutenção da vida, nós só nos preocupamos

com novas obras e consentimos a sua perda através de desperdícios inaceitáveis.

Permitimos que se perca enormes quantidades de água nas tubulações de distribuição com índices que vão de 30% na cidade de São Paulo até mais de 50% em outros municípios do Estado. Não temos uma legislação que obrigue as indústrias a implantarem sistemas de re-uso da preciosa e escassa água tratada que utilizam em seus processos industriais. Ao contrário de outros países que usam as econômicas caixas de descarga acopladas aos vasos sanitários, continuamos a utilizar as válvulas de descarga, máquinas de desperdício que jogam fora desnecessariamente dezenas de litros d'água a cada vez que são acionadas.

Poderíamos citar muitos outros exemplos de uso inadequado d'água e relatar gravíssimos casos de destruição e contaminação de mananciais que continuam ocorrendo na grande São Paulo. O mais importante, no entanto, é que os órgãos públicos e a sociedade mudem a forma de analisar esta grave questão.

Não podemos seguir com a idéia de estar sempre buscando mais água, onde quer que ela esteja. Precisamos mudar radicalmente nossa forma de nos relacionarmos com este recurso natural cada vez menos abundante, incorporando práticas de economia e conservação que nos permita reduzir em grande escala o consumo e a perda. Esta não é apenas a solução mais econômica, ambientalmente adequada e socialmente justa. É a única viável em uma enorme metrópole como a nossa.

João Paulo Capobianco, biólogo, ambientalista, superintendente da Fundação SOS Mata Atlântica e membro do Conselho Estadual do Meio Ambiente